



Pressupostos e Subentendidos: Análise de Falas Implícitas Presentes em Duas Reportagens de Edições Diferentes do Jornal Nacional¹

Mariana Steemburgo de AZEVEDO²
Janine Marques Passini LUCHT³
Roberta SARTORI⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho analisa os pressupostos e subentendidos presentes nas falas de reportagens informativas de duas reportagens do Jornal Nacional, a primeira diz respeito ao Impeachment do Collor em 1992 e a segunda relata as manifestações que ocorreram em junho de 2013. Para atingir o objetivo, foi necessário um estudo quanto às formas de linguagem implícita, a saber, pressupostos e subentendidos e quanto aos gêneros jornalísticos, em especial o informativo, seus formatos e de que forma ele se manifesta no telejornalismo, essencialmente, no telejornal. Depois das análises, constatou-se que os jornalistas refletem a sua opinião na transmissão da reportagem, entretanto, utilizam da significação implícita, via pressupostos e subentendidos, para relatar as suas avaliações.

Palavras-chave

Gênero; Informativo; Pressupostos; Subentendidos; Telejornalismo.

INTRODUÇÃO

No jornalismo, existem diversos tipos de textos através dos quais as informações são veiculadas. A fim de organizá-los, tendo em vista seu posicionamento e conteúdo, Marques de Melo (2010) classificou-os através de noções como gênero e formato. Os gêneros são classificados em categorias mais gerais, a saber, informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Já os formatos correspondem aos vários tipos de instâncias desses gêneros, por exemplo, no opinativo encontramos as crônicas, os editoriais, etc.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: marianasteemburgo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Diretora do curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: janine@espm.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: rsartori@espm.br



Dados os gêneros descritos acima, dois deles são tradicionalmente mais complicados, o opinativo e o informativo. Embora pareçam, na teoria, fáceis de separar, na prática suas fronteiras não raramente se sobrepõem e se confundem. Sabe-se que pode ser difícil relatar um fato dissociando-o da opinião, e esse é um desafio enfrentado diariamente, independente do suporte. Devido a dificuldade da prática jornalística, muitas vezes os repórteres fazem críticas que nem sempre aparecem explicitamente, mas podem ser identificadas através da geração de conteúdos implícitos.

Ducrot (1981) é um teórico que desenvolveu uma teoria para identificar o fenômeno da significação implícita. Através de seu trabalho é possível abordar, no texto jornalístico, o aspecto relacionado à opinião que ora se mostra no texto, ora pode ser interpretada a partir dele. Esses conteúdos podem aparecer sob a forma de pressupostos e subentendidos: este trata de insinuações que, embora não sejam marcadas linguisticamente, fazem parte de uma mesma fala; aquele representa as ideias latentes que estão contidas em um conjunto de palavras (DUCROT, 1987).

Desde o final da Ditadura Militar, em 1985, duas manifestações pararam o Brasil. A primeira ocorreu em 1992, quando jovens saíram às ruas pedindo o afastamento do primeiro presidente brasileiro eleito pelo voto direto após o regime militar, Fernando Collor de Mello. A segunda manifestação, 21 anos mais tarde, foi causada pelo aumento da tarifa do transporte público e mobilizou milhares de estudantes de diversos cantos do país.

É evidente que ambos os protestos repercutiram na grande mídia brasileira. Em 1992, a televisão era o principal veículo de comunicação, e, com o passar dos anos, a internet, com sua instantaneidade, passou a se destacar ainda mais do que os telejornais. Entretanto, a TV continua sendo o meio de informação preferido por grande parte dos brasileiros, conforme aponta a pesquisa sobre os hábitos de informação da população brasileira, realizada pelo instituto de pesquisa META (2010).

Tendo em vista que algumas características dos noticiários continuam as mesmas desde a época de Collor, tais como o uso, pelos repórteres de pressupostos e subentendidos, para falar de suas ideias, este trabalho pretende investigar, através do fenômeno da significação implícita, via pressupostos e subentendidos, se há opinião inserida em textos que, teoricamente, deveriam ser apenas informativos. Para tanto, serão analisadas duas reportagens de edições de épocas distintas do telejornal mais importante da Rede Globo, o Jornal Nacional, a fim de investigar as diferenças dos



pressupostos e subentendidos usados pelos jornalistas nas coberturas especiais do *impeachment* de Collor, em 1992, e das manifestações populares, em 2013.

O trabalho será dividido nas seguintes etapas: primeiramente, será realizado um estudo do gênero jornalístico informativo e dos seus formatos; após, será apresentado o telejornalismo e o telejornal; depois, será mostrado de que forma o gênero informativo, juntamente com seu formato reportagem, se manifesta no telejornal; a seguir, serão apresentados os conceitos de posto, conteúdo explícito, e as duas formas de significação implícita, a saber, pressupostos e subentendidos; na penúltima seção, será explicado o que se trata, de fato, os dois acontecimentos históricos a serem analisados no presente artigo; após, vai ser caracterizado o telejornal Jornal Nacional. Por fim, serão analisadas as duas reportagens com o objetivo de identificar os aspectos implícitos nesse gênero e formato.

2 GÊNERO INFORMATIVO E OS SEUS FORMATOS

Para entender de que forma o gênero informativo se expressa no jornalismo, é necessária uma síntese do que é e para que servem os gêneros jornalísticos como um todo. Essa seção pretende resolver essa questão, explicando o que são os gêneros e, após, mais especificamente, do que se trata o gênero informativo.

As maneiras como se exerce o jornalismo são muitas. Permeados pelos mais variados tipos de textos, os veículos de comunicação, com o passar do tempo, precisavam classificar os textos jornalísticos para melhor compreensão da instituição e, principalmente, do receptor. Segundo Marques de Melo (2010), a complexidade dos meios fez com que as maneiras de organização das mensagens tomassem outras formas e isso acarretou o surgimento de novos formatos.

Dessa forma, fez-se necessário a criação de gêneros jornalísticos. No Brasil, o responsável por essa classificação é o professor José Marques de Melo (2010), que dividiu o jornalismo em cinco gêneros. São eles: diversional, utilitário, informativo, opinativo e interpretativo. Para o melhor entendimento deste artigo, o gênero a ser estudado é o informativo.

Esse gênero é marcado por três características predominantes: a imparcialidade, a veracidade e a objetividade – sendo a última, responsável pelas primeiras. A objetividade jornalística, como lembra Lailton da Costa (2010), significa narrar um fato



de forma que mais se aproxime do real. Para tanto, é necessário que as informações cheguem até o público de forma verídica e imparcial.

Contudo, Marques de Melo define o jornalismo informativo como sendo “o resultado da articulação que existe, do ponto de vista processual, entre os acontecimentos reais que eclodem na realidade” (COSTA apud MARQUES DE MELO, 2010, p. 50). Segundo o escritor, o papel do jornalista é descrever para o receptor o que acontece nessa realidade.

Diversos formatos acompanham os gêneros jornalísticos. No caso do gênero informativo, os formatos que o compõe são a entrevista, a nota, a notícia e a reportagem. A primeira consiste em um relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas de algum episódio, a segunda se baseia em uma informação de um acontecimento em configuração, a terceira seria o relato de um fato que já eclodiu, enquanto a reportagem é um acontecimento de grande repercussão contado de forma ampliada e aprofundada. (MARQUES DE MELO, 2010).

Bem como o informativo, os demais gêneros jornalísticos têm as suas características. Entretanto, como lembra o autor, por vezes eles se interligam ou se confundem. Isso ocorre, principalmente, quando se trata dos gêneros informativo e opinativo visto que a opinião está presente, como fruto do nosso direcionamento ideológico, desde a observação de um fato, até a forma como a informação vira notícia (COSTA, 2010).

Contudo, este trabalho pretende investigar de que maneira a opinião está presente, a partir de pressupostos e subentendidos, nas duas reportagens apresentadas na introdução. Ambas as matérias assumem o gênero informativo, visto que são transmitidas no Jornal Nacional, a fim de informar o público, sem juízo de valor.

3 TELEJORNALISMO E SUAS SUBCATEGORIAS, ÊNFASE NO TELEJORNAL

O jornalismo na televisão é o tema dessa seção. Para tanto, será explicado de que forma o telejornalismo e suas subcategorias se manifestam enquanto programação de TV. Dado que este trabalho visa analisar duas reportagens de um telejornal, vai ser dada uma ênfase na subcategoria telejornal.

No Brasil há poucos estudos sobre os gêneros jornalísticos na televisão. Apenas dois autores brasileiros ficaram conhecidos por se aprofundar mais no assunto, José Aronchi de Souza e Guilherme Rezende. Este artigo será desenvolvido, principalmente,



com base nas ideias de Rezende (2010) porque este se aprofunda ainda mais no telejornalismo, visto que fez um estudo aprofundado sobre o tema “telejornalismo no Brasil”, diferente de Aronchi de Souza (2004), que faz uma análise dos gêneros jornalísticos na televisão brasileira, aonde inclui todos os programas televisivos e, nesse caso, o jornalismo é apenas um complemento para sua pesquisa.

De acordo com os estudos de Aronchi de Souza (2004), a televisão é composta por três categorias: telejornalismo ou informação, educação e entretenimento. A tevê, segundo o autor, tem como principais funções informar, formar e divertir, fazendo da última, a mais importante função.

Segundo Rezende (2010), a categoria telejornalismo abrange outras subcategorias: entrevista, reportagem, programa de debates, documentários, plantão, emissões de jornalismo especializado, espetáculos midiáticos e telejornal.

A entrevista, como foi visto na primeira seção, caracteriza-se pela versão de um personagem. Entretanto, diferente do que ocorre nos veículos impressos, na tevê, a entrevista pode ser considerada uma subcategoria visto que existem programas específicos para tal, como De Frente com a Gabi, em que a apresentadora Marília Gabriela recebe convidados em seu programa. (REZENDE, 2010).

A reportagem também ganha um papel de destaque na televisão. Embora ela ainda seja considerada um formato do telejornal – tema a ser explicado –, a reportagem é considerada uma subcategoria porque, por vezes, não é transmitida dentro de algum programa específico. Em sua pesquisa, Rezende (2010) exemplifica as transmissões de jogos de futebol, vôlei, etc. como sendo reportagens ao vivo.

O programa de debates é uma subcategoria específica da televisão e do rádio. De acordo com Rezende, este programa depende da quantidade de entrevistados e entrevistadores. “É o número de pessoas que cria o debate, diferentemente da entrevista, que pode ser produzida com apenas um entrevistador ou entrevistado” (REZENDE apud ARONCHI DE SOUZA, 2010, p. 294). Um exemplo de programa de debates é o Bem, amigos!, conduzido por Galvão Bueno.

Outra subcategoria importante do telejornalismo é o documentário. Este tem como objetivo explorar um assunto específico. “Subcategoria com raízes históricas no cinema, o documentário propõe-se a apresentar o máximo de informação sobre um tema” (REZENDE, 2010, p. 295).



O plantão, como afirma Rezende (2010), ocorre de forma extraordinária, essencialmente quando algum acontecimento de grande repercussão eclode na sociedade. Normalmente, essa subcategoria interrompe a programação normal da televisão e tem características próprias, como a vinheta e a sonora, a fim de chamar a atenção do telespectador.

As emissões de jornalismo especializado são uma subcategoria excepcional, bem como os espetáculos midiáticos. sendo a primeira responsável por temas segmentados, como os programas Globo Rural e Esporte Espetacular, e a segunda correspondem a “eventos que interrompem a rotina” (REZENDE, p. 297, 2010), mas que atraem a atenção do público. Normalmente são transmitidos ao vivo alterando a grade de programação das emissoras de tevê. Um exemplo de espetáculo midiático é a abertura de eventos esportivos, como Olimpíadas e Copa do Mundo.

Entretanto, a subcategoria mais importante do telejornalismo é o telejornal, já que este “se diferencia por características próprias e evidentes, como apresentadores em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (REZENDE, 2010, p. 298). Os telejornais surgiram, inicialmente, a partir dos chamados “cinejornais”, estes eram filmes que transmitiam informações como espécie de notícia e reportagem. Dessa forma, o cinema foi o pioneiro em transmitir informações por meio de uma tela e já era comum a confecção de noticiários dentro dos filmes. A força das notícias veiculadas no cinema perdeu a força, gradativamente, com a chegada da televisão, dado que a mesma permitia o imediatismo, característica necessária para a transmissão de uma notícia do cotidiano⁵.

4 GÊNERO INFORMATIVO NO FORMATO REPORTAGEM DENTRO DO TELEJORNAL

A primeira seção esclareceu o que são os gêneros jornalísticos e, essencialmente, o gênero informativo, de forma ampla. Dadas essas informações, esta seção pretende mostrar de que forma se dá a classificação dos gêneros e dos seus respectivos formatos no telejornal. Vale ressaltar que, nesta parte, o que interessa é mostrar a maneira como o gênero informativo e o formato reportagem estão inseridos dentro da subcategoria telejornal.

⁵ O site Observatório da Imprensa publicou um texto onde explica o que foram os cinejornais e por que eles perderam a força. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed721_a_morte_dos_cinejornais_e_os_noticiarios_da_tv



Cada gênero jornalístico se adequou às formas de transmitir uma notícia, e esse fenômeno não foi diferente no telejornalismo. Segundo Rezende (2010), foi em 1970 que começaram a surgir as primeiras pesquisas quanto à classificação de gêneros na televisão. Os escritores Horace Newcomb e Raymond William, como lembra Rezende (2010) em seu estudo, foram os pioneiros no assunto quando começaram a examinar as programações televisivas. Entretanto, os pesquisadores englobaram todos os programas e os analisaram enquanto “fluxo televisivo” e não, com a legítima distinção de cada um (REZENDE, 2010).

De acordo com os estudos realizados por Marques de Melo (2010), os gêneros, no telejornalismo, se resumem ao de caráter informativo e opinativo e, junto com seus formatos, se equivalem à mesma classificação proposta pelo professor para os veículos impressos, enquanto os gêneros diversional, utilitário e interpretativo se integram ou estão dispostos em outras subcategorias de programas de TV. “Mesmo que, vez ou outra, transpareça algum sentido diversional ou, mais raramente, interpretativo nas matérias divulgadas, a exceção não basta para desfigurar a natureza do noticiário” (REZENDE, 2010, p. 304).

Dos formatos que integram o telejornalismo, a “reportagem” é de maior relevância para a produção deste artigo. É importante entender de que maneira o formato “reportagem” se manifesta na subcategoria televisiva analisada.

Segundo Marques de Melo (2010), a reportagem é caracterizada por uma melhor apuração de informações oferecendo ao espectador um relato ampliado e detalhado do acontecimento. Em sua estrutura completa, esse formato é composto por cinco partes: cabeça, é quando o âncora apresenta a matéria que vai ser passada a seguir; o off, que é a narração do jornalista, dando suporte às imagens ilustradas; o boletim que é a parte em que o repórter aparece na matéria, normalmente, passando alguma informação de relevância que não tenha imagens; a sonora, é a fala das fontes, isto é, o entrevistado; e o nota-pé que, assim como a cabeça, é lida pelo apresentador para completar e finalizar as informações da matéria (REZENDE, 2010).

Os assuntos que abordam esse formato foram divididos, para melhor compreensão, em dois tipos. São eles,

- 1) Factual, relativa a acontecimentos do dia a dia, chamada de matéria quente que requer divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público; 2) e feature, referente a assuntos de interesse permanente, que não necessitam do atributo da atualidade, denominada de matéria fria



ou de gaveta, quando produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos (REZENDE, 2010, p. 307).

De acordo com os estudos de Rezende (2010), os telejornais são sustentados pelas reportagens, classificadas por Jaspers (1995) de atualidade. “São reportagens que tratam acontecimentos que acabam de se produzir e a propósito dos quais não se dispõe de muito tempo” (JESPERS, 1998, p. 167). Este é o caso das matérias a serem analisadas: Impeachment do Collor e Manifestações de junho, visto que as mesmas relatam os acontecimentos da atualidade, de acordo com a época em que foram divulgadas.

5 POSTOS, PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Esta seção visa explicar o que são os postos, pressupostos e subentendidos, dado que o presente artigo pretende investigar se os repórteres do Jornal Nacional fizeram uso dos dois últimos para transmitir suas reportagens.

Existem diversas formas pelas quais as pessoas podem se expressar, entretanto, por vezes, elas não são explícitas. Este é o caso dos pressupostos e subentendidos. Os dois fenômenos foram estudados por Platão e Fiorin (2007), mas foram desenvolvidos por Ducrot (1987).

Enquanto os “postos” é exatamente aquilo que foi dito, isto é, a fala literal do emissor, os pressupostos, segundo os autores, dizem respeito às ideias expressas de maneira latente, ou seja, implícitas, mas que propiciou a compreensão do receptor por meio das palavras contidas na frase. Vale ressaltar que os pressupostos precisam ser necessariamente verdadeiros ou, pelo menos, admitidos como tal, já que deles advêm as informações explícitas (PLATÃO; FIORIN, 2007).

Outra forma de comunicação implícita utilizada pelas pessoas são os subentendidos. Esses são baseados em insinuações que, embora não sejam marcadas linguisticamente, também estão contidas na fala (PLATÃO; FIORIN, 2007). Entretanto, conforme Platão; Fiorin (2007), diferentemente dos pressupostos, os subentendidos podem ser questionados, visto que, por se tratar de insinuações, a interpretação é de responsabilidade do ouvinte.

Muitas vezes, as pessoas utilizam de subentendidos para se proteger enquanto expressam, indiretamente, a sua opinião. Dessa forma, o falante não se compromete com a informação dita (PLATÃO; FIORIN, 2007).



Sabe-se que esses mecanismos são, seguidamente, utilizados pelos jornalistas. Dessa forma, é a partir desses estudos que o presente artigo pretende investigar a linguagem implícita presente nas reportagens a serem analisadas.

6 IMPEACHMENT DO COLLOR E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO

A seção visa explicar do que se tratam os momentos históricos que são os temas das duas reportagens selecionadas para análise. A população brasileira, por decorrência da ditadura militar, passou quase 30 anos sem ter o direito de eleger de forma direta os seus governantes (COTRIM, 2002). Segundo Cotrim (2002), foi só em 1989 que os brasileiros puderam escolher o seu presidente e, nesta ocasião, elegeram Fernando Collor de Mello para assumir o poder do Estado.

O curto mandato de Collor foi marcado por polêmicas, inicialmente com o seu novo plano econômico a fim de controlar a hiperinflação:

No dia seguinte à posse, 16 de março de 1990, Collor anunciou um plano econômico bombástico que, entre outras medidas, bloqueou contas e aplicações financeiras nos bancos, confiscou cerca de 80% do dinheiro que circulava no país (incluindo o das cadernetas de poupança) e extinguiu a moeda vigente, o cruzado, restabelecendo o cruzeiro (COTRIM, 2002, p. 573).

Ainda que de forma violenta, a ideia de acabar com a inflação fez com que boa parte da população aceitasse o “Plano Collor”. Entretanto, de acordo com o autor do livro “História Global: Brasil e Geral”, Cotrim (2002), não tardou para chegar o insucesso do novo plano econômico e, com isso, o descontentamento dos brasileiros diante do presidente.

Foi em 1992 que a população se mostrou insatisfeita com o atual governo depois que denúncias de corrupção, envolvendo a cúpula governamental, foram a público. O estopim se deu a partir de uma entrevista que Pedro Collor de Mello, irmão de Fernando Collor de Mello, concedeu à revista *Veja*, no dia 19 de maio de 1992⁶.

Posteriormente, segundo os estudos de Cotrim (2002), as denúncias de corrupção foram investigadas pela Câmara dos Deputados, que instaurou uma Comissão Parlamentar do Inquérito (CPI) para averiguar o esquema. Nessa ocasião, os brasileiros, em grande parte estudantes, organizavam-se e iam às ruas de rostos pintados pedindo o impeachment do presidente.

Com a apuração da CPI e a conclusão de que Collor estava, de fato, envolvido em um esquema criminoso, em 29 de setembro do mesmo ano foi aprovado o pedido de

⁶ O site da Revista *Veja* mostra a entrevista de Pedro Collor de Mello. Para maiores detalhes, disponível em: <http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_17031993.shtml>



impeachment do presidente (COTRIM, 2002). Com a sentença dada, os manifestantes que iam às ruas protestar, dessa vez, foram aos centros das cidades para comemorar a vitória da democracia.

Em junho de 2013, outro episódio na política brasileira levou estudantes aos principais centros do país⁷. De acordo com a pesquisa realizada pelo IBOPE (2013), a fim de entender o movimento social e as suas causas, constatou-se que, dessa vez, o estopim foi o aumento nas tarifas de transporte público, mas este não foi o único motivo pelo qual os manifestantes lutaram.

Segundo o cientista político Murillo Aragão (2013), em meio às várias causas levantadas, algumas se destacaram. Tais como o arquivamento da PEC 37 que, na ocasião estava em discussão no Congresso Nacional, a investigação quanto às irregularidades das obras da Copa do Mundo de 2014 e a defesa de uma lei que enquadre a corrupção como crime hediondo.

Entretanto, um fato se sobressaiu durante as manifestações: a repressão da polícia militar diante dos protestantes e, principalmente, a forma como isso era transmitido na mídia. Segundo o IBOPE (2013), 57% da população entrevistada afirma que a ação da polícia foi marcada pela forte violência. Esse episódio causou polêmica, visto que os manifestantes diziam que os veículos de comunicação não mostravam o que acontecia, de fato, nas ruas. Isso fez, inclusive, com que a Patrícia Poeta lesse um editorial, em nome do jornalismo da TV Globo, defendendo que as reportagens ali veiculadas eram legítimas, bem como os protestos⁸.

Os dois eventos citados acima tiveram uma grande repercussão nacional e deram uma nova perspectiva em relação à democracia para a população. Dessa forma, determinaram-se os temas para as reportagens a serem analisadas no presente artigo.

7 JORNAL NACIONAL

Diversos telejornais transmitiram os dois acontecimentos históricos citados na seção anterior. Dessa forma, é importante entender por que o Jornal Nacional foi o telejornal selecionado para a análise e produção deste artigo. A seção será desenvolvida com a pretensão de explicar a importância do Jornal Nacional no jornalismo da atualidade.

⁷ A página online Jornal Flit Paralisante fez uma síntese sobre os movimentos sociais ocorridos no mês de junho. Para mais informações, disponível em: <<http://flitparalisante.wordpress.com/2013/07/25/manifestacoes-de-junho-de-2013-brazilian-protests-in-june-2013-a-repressao-parte-do-governador/>>

⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=APLEN2vPJpI>



De acordo com a pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa META (2012) quanto aos hábitos de informação da população, 94,7% dos brasileiros costumam assistir à televisão, sendo 77,2% consumidores apenas da tevê aberta, isto é, tevê sem assinatura. Vale ressaltar que a Rede Globo foi a emissora de tevê aberta escolhida como “preferida” por 70,6% dos entrevistados.

Na mesma pesquisa, quando questionados sobre os programas televisivos que mais assistem, 40,6% dos entrevistados afirmam mais assistir aos telejornais, seguido pelas telenovelas. Entretanto, homens assistem ainda mais telejornais do que mulheres, enquanto na mesma pesquisa relacionado ao público feminino, quem lidera o ranking são as telenovelas. O META (2012) pesquisou mais a fundo e constatou que dentre os telejornais mais assistidos pelos brasileiros, quem está no topo de audiência é o Jornal Nacional, com 49,9%.

8 ANÁLISE

Dadas as seções anteriores, esta pretende analisar as duas reportagens retiradas do Jornal Nacional e investigar a opinião dos jornalistas por meio de pressupostos e subentendidos utilizados por eles. A primeira foi ao ar, pelo repórter Pedro Bial, no dia 29 de setembro de 1992, e a segunda foi transmitida no dia 18 de junho de 2013, pelo jornalista Vladimir Netto.

Ambas as reportagens têm como cenário de fundo o Congresso Nacional e as mesmas foram produzidas em edições especiais do telejornal, isto é, no dia da edição, o Jornal Nacional tratou apenas do tema abordado em cada reportagem.

Impeachment do Collor, por Pedro Bial, tempo de dois minutos e 51 segundos:

Posto: “Mais do que revolta, trouxeram confiança e alegria”.

Pressuposto₁: A confiança e a alegria não faziam parte das manifestações.

Pressuposto₂: Uma revolta é algo triste.

Subentendido: As manifestações não são uma revolta, não são tristes.

Posto: “Para os manifestantes, é chegada a hora de barrar o exterminador do futuro”.

Pressuposto₁: O jornalista, através de pressupostos, transmite ao receptor a ideia de que, na opinião dos manifestantes, a hora de barrar Collor é exatamente agora e, não antes.

Pressuposto₂: Apenas os manifestantes acreditam que chegou a hora de barrar o exterminador do futuro.



Subentendido: Pedro Bial chama o presidente de exterminador do futuro. Pode-se entender que o repórter insinua que, Collor exterminou o futuro dos brasileiros, principalmente, com seu novo plano econômico que confiscava o dinheiro da população.

Posto: “O cachorro fica brabo toda vez que escuta o nome dele”.

Pressuposto: Com a afirmação, pode-se deduzir que o cachorro já escutou o nome do presidente outras vezes.

Subentendido: Com essa informação, Bial insinua que as atitudes do presidente causaram indignação até em um cachorro.

Posto: “Hoje, o Pirulito não estava para palhaçada”.

Pressuposto: Segundo o repórter, em outros dias o Pirulito já esteve para palhaçada.

Subentendido: Dado que o Pirulito é um palhaço, com essa afirmação, Bial quis dizer que as atitudes de Collor foram tão graves que tiraram a graça até de um palhaço.

Posto: “No começo da tarde, até o céu se vestiu de preto na capital do país”.

Pressuposto: Outras coisas também se vestiram de preto.

Subentendido: Pedro Bial subentende que a indignação está por toda a parte. “Até as forças sobrenaturais” mostram sua revolta.

Posto: “Lição de democracia. Além de aprender a soletrar a palavra estrangeira que acordou a cidadania brasileira”.

Pressuposto: as pessoas não sabiam soletrar a palavra estrangeira “impeachment”; a população brasileira estava “dormindo”.

Subentendido: Com isso, Bial mostra que as manifestações também serviram para as pessoas aprenderem o que é “impeachment” e, antes desse episódio, a população brasileira estava de olhos fechados para os problemas do Brasil.

Posto: “O povo brasileiro foi mais uma vez às ruas, cheio de esperança, na campanha do impeachment”.

Pressuposto: o povo brasileiro já foi às ruas outras vezes.

Subentendido: Aparentemente, a esperança é quem mobiliza a população.

Posto: “Dessa vez, venceu, rio e teve a confirmação de que a democracia não é apenas um espetáculo sem consequências”.

Pressuposto₁: Outras vezes a população não venceu, nem rio, nem teve a confirmação de nada.

Pressuposto₂: Dúvidas se a democracia era apenas um espetáculo sem consequências.



Pressuposto3: A democracia é um espetáculo sem consequências, mas também é outras coisas.

Subentendido: Segundo as informações de Bial, subentende-se que a democracia, por vezes, já aparentou ser um espetáculo sem consequências, aonde os políticos, em especial, cometiam graves erros e não eram punidos.

Manifestações de junho, por Vladimir Netto, tempo de um minuto e 40 segundos:

Posto: “Desde cedo o Congresso já funcionava normalmente, não dava sinais da noite anterior tão agitada”.

Pressuposto: em dias normais, o Congresso Nacional funciona desde cedo.

Subentendido: Vladimir, com essa informação, admite que, devido a forte agitação da noite anterior e os possíveis estragos cometidos por vândalos, comprometeria a boa funcionalidade do Congresso no dia seguinte.

Posto: “Logo depois uma parte dos manifestantes mudou de estratégia: eles resolveram driblar o cerco da polícia e pra isso deixaram o gramado e vieram para esse ponto. Daqui foi fácil ocupar a cobertura do Congresso onde ficam as cúpulas da câmara e do senado”.

Pressuposto1: Os manifestantes tinham uma estratégia.

Pressuposto2: A polícia fez um cerco.

Subentendido: Com a fala, o repórter insinua que a segurança por parte da polícia foi fraca, visto que a mesma não conseguiu conter os manifestantes, deixando locais com fácil acesso desprotegidos.

Posto: “Em poucos minutos eram centenas em cima do prédio”.

Pressuposto: Existiam, pelo menos, centenas de pessoas nas manifestações em Brasília.

Subentendido: Vladimir demonstra que foi fácil para os manifestantes invadirem o Congresso.

Posto: “E mais um momento de tensão: alguns jovens tentaram invadir o prédio. Houve um princípio de tumulto e correria. Novamente os policiais usaram spray de pimenta e impediram a tentativa”.

Pressuposto: já houve momentos de tensão antes. Os jovens não conseguiram invadir o prédio. Os policiais já haviam usado spray de pimenta. Os manifestantes já haviam tentado invadir antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Como se verificou, pelo tamanho das duas matérias existe uma quantidade considerável de pressupostos e subentendidos. Levando em consideração que as duas se passaram em épocas bem distintas, são 21 anos que as separam, pode-se concluir que o uso da linguagem implícita por parte de jornalistas não é uma técnica nova.

Dados os estudos de Marques de Melo (2010) quanto aos gêneros jornalísticos, pode-se verificar que a visão particular do fato não deve estar presente no gênero informativo. Entretanto, como foi visto nas análises, por vezes a opinião está presente na transmissão de uma reportagem.

Foi possível observar que as duas reportagens tem um viés diferente. Quando se trata da matéria sobre o Impeachment de Collor, Pedro Bial informa o público com teor crítico quanto ao presidente, enquanto na matéria sobre as manifestações de junho, Vladimir Netto dá ênfase na conduta agressiva de alguns manifestantes.

Dessa forma, fica evidente a dificuldade que se tem em separar a informação da própria avaliação. Isso reflete diretamente no trabalho do jornalista, ainda que o princípio fundamental da profissão vise a imparcialidade na hora de transmitir a notícia.

Referências Bibliográficas

- BIAL, Pedro. **Especial Impeachment**. Jornal Nacional 29 set.1992. . Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7uckLJLD_Oo> Acesso em: 19 de nov. 2013.
- COSTA, Lailton. Gêneros Jornalísticos no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e O Dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- JORNAL FLIT PARALISANTE. **Manifestações de Junho**, 2013. Disponível em: <<http://flitparalisante.wordpress.com/2013/07/25/manifestacoes-de-junho-de-2013-brazilian-protests-in-june-2013-a-repressao-parte-do-governador/>>. Acesso em: 02 de dez. 2013.
- MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- MUNDO SUSTENTÁVEL. **Entenda as Manifestações Populares de junho**, 2013. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/2013/08/infografico-entenda-as-manifestacoes-populares-de-junho2013/>>. Acesso em: 02 de dez. 2013.
- OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **A Morte dos cinejornais e os noticiários da TV**, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed721_a_morte_dos_cinejornais_e_os_noticiarios_da_tv>. Acesso em: 02 de dez. 2013.
- REZENDE, Guilherme. Gêneros Jornalísticos no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José. **Gêneros no Telejornalismo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.



- META, Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira. Disponível em: <<http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2013.
- NETTO, Vladimir. **Edição de terça-feira**. Jornal Nacional. 18 jun. 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jornal-nacional-edicao-de-terca-feira-18062013/2642267/>>. Acesso em: 19 de nov. 2013.
- VEJA.COM. **Vítima Pé de Lama**, 1993. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_17031993.shtml>. Acesso em: 03 de dez. 2013.
- POETA, Patrícia. **Nota de Esclarecimento**. Jornal Nacional 17 de jun.2012. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=APLEN2vPJpI>>. Acesso em: 02 de dez. 2013.
- WIKIPEDIA. **Telejornalismo**, 2009. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Telejornalismo>>. Acesso em: 22 nov. 2013.